O ESPÍRITO SANTO QUE CONDUZ A IGREJA A UMA VIDA DE FRATERNIDADE

Wescley Paulo Pereira de Melo*

Resumo

As primeiras comunidades cristãs, ao receberem o Espírito Santo no dia de Pentecostes, abraçam um novo estilo de vida pautado no serviço a Jesus Cristo pela doação ao próximo. Partindo dessa ideia, é que o presente trabalho busca apresentar, ainda que de forma breve, como os primeiros cristãos viviam a vida de fraternidade; considerando os relatos bíblicos pode-se perceber como era forte o amor existente entre eles nos primeiros séculos do cristianismo. Após a morte, ressureição e ascensão de Jesus, os discípulos recebem d'Ele e do Pai o Espírito Santo, que faz frutificar no meio daquele grupo uma vida de ação caritativa comunitária. Esse estilo de vida, provindo do Espírito Santo, diferencia os cristãos das religiões vigentes em seu tempo que eram o judaísmo e outras consideradas pagãs; com isso, conquistava sempre mais novos membros. No decorrer do trabalho também se destaca a visão dogmática a respeito da unidade cristã, enfatizando o Espírito Santo como fonte perene de toda a irmandade da Igreja. Portanto, esta pesquisa sublinha o carisma da Igreja primitiva que estava marcada pela vida de união e diaconia entre os irmãos e as irmãs.

Palavras-chave: Espírito Santo. Unidade. Cristãos. Vida. Fraternidade.

Introdução

O cristianismo destaca-se, nos primeiros séculos, por trazer ao mundo uma proposta de vida marcada pelo despojamento de prestígios, voltada para o serviço do próximo, da partilha dos bens, da oração e da fraternidade. Buscava-se seguir sempre os ensinamentos deixados pelo Mestre Jesus, que é de amar o próximo como a si mesmo. As comunidades primeiras exalavam a harmonia entre seus membros em meio às diferenças e discórdias; assim a comunidade crescia em frutos de obras de caridade.

Toda essa unidade cristã pode-se conferir nos escritos Bíblicos que são dados da revelação Divina. Muitos teóricos, como Velasco e Comblin, destacam em suas obras a beleza

* Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP - vladvostok_melo@hotmail.com

da vida em harmonia nos primeiros séculos. O próprio Magistério da Igreja, em seus documentos, ressalta o amor mútuo como princípio de sustento da Igreja; por isso a necessidade de trazer presente este tema que é de grande valia para o tempo atual da Igreja.

Tudo isso é obra da ação do Espírito Santo naqueles que abraçavam a fé; por Ele os cristãos entendiam o verdadeiro sentido da mensagem deixada por Cristo. Por essa razão, a vinda dessa força sobre a comunidade cristã nascente fortalece os primeiros cristãos a permanecerem perseverantes na fé abraçada. O Cristianismo se destaca no meio de tantas culturas por não estabelecer estruturas hierárquicas, mas apostar em orientar os seus membros a serem irmãos.

A Igreja que nasce do dom da unidade do Espírito santo

A Igreja Cristã nasce das experiências pós-pascal que os Apóstolos tiveram com o Ressuscitado, como diz Velasco: "a experiência da ressureição de Jesus é, no fundo, o grande acontecimento desencadeador da Igreja" (1995, p. 23). Esses fatos fundantes destacam-se nos evangelhos como o encontro de Jesus com Tomé (cf. Jo 20, 27), com os discípulos de Emaús (cf. Lc 21, 13-35) e outros encontros específicos. Entre tantos acontecimentos basilares, o dia de Pentecostes marca a identidade da Igreja, que é a unidade entre os irmãos e irmãs a Cristo Jesus na missão continuada a partir do Pai.

É fato que a obra de Deus acontece em especial quando existe união fraterna. Na criação, pode-se fazer uma analogia da presença da Trindade quando diz "façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança" (Gn 1,26), revelando que a união é algo já existente em Deus, e essa característica é imprimida em sua obra que está em harmonia N'ele. Na experiência do Novo Testamento, Jesus forma um grupo de doze para ensiná-los a vida fraterna na convivência, como também as vezes em que Ele ressuscitado aparece aos discípulos que estão reunidos (cf. Jo 21, 1-2). Sendo assim, a Igreja torna-se visível quando descobre a vida de união, permitindo a ação do Espírito Santo.

Um princípio basilar das primeiras comunidades é a unidade entre seus membros: "eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna e à fração do pão e às orações" (At 2,42). Essa é a ação do Espírito Santo entre aqueles que abraçaram a fé, tornando-se responsáveis por fazer crescer o sentimento de comunidade a ponto de

partilhar os bens. Nesse trecho dos Atos dos Apóstolos, a eucaristia é a "presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual" (EE, 2003, n.9); por isso, a fração do pão é o ponto alto da vida em comunidade, conduzindo os membros à *ágape*, expressão máxima da vida em unidade.

Nos relatos do Novo Testamento destacam-se fortes expressões que se referem à fraternidade dos cristãos. Quando Paulo escreve à comunidade de Romanos, diz que "ninguém de nós vive e ninguém morre para si mesmo" (Rm 14,7). Isso mostra a unanimidade entre eles por meio do serviço mútuo e não mais o individualismo. A comunidade vê-se como um corpo: "se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é glorificado, todos os membros regozijam-se com ele" (1Cor 12,26). Isso revela o quanto os cristãos encarnaram o sentimento de pertença entre eles, criando um novo estilo de vida baseado na caridade sem interesses (cf. 1Cor 13, 5). Desse modo, nos primeiros séculos do cristianismo, viveu-se uma verdadeira comunhão, apresentada no Novo Testamento no grego *koinonia* (comunhão), o dom do Espírito Santo para a Igreja, que desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, marcando a história da salvação, conforme diz Comblin:

> São Lucas destaca o significado do acontecimento comparando o dia de Pentecostes com o dia da aliança no Sinai. Naquele dia, o povo de Deus nasceu pelo dom da Lei. A Lei fazia a unidade das Tribos de Israel, determinava o seu modo de viver, [...] em lugar de ver na Lei um sinal de fraternidade de esperança [...] as elites e os maus pastores [...] fizeram da Lei uma separação. [...] Mas agora, no dia de pentecostes Deus já não intervém dando ou renovando uma Lei. Envia o Espírito Santo, a sua força criadora e renovadora, essa Lei nova que não está escrita em pedra, e sim nos corações (2012, p.19).

O Espírito Santo trouxe para a economia da salvação uma nova mensagem. Por ela, a Antiga Aliança da Lei é atualizada pelo novo mandamento que é o Amor, dom dado pelo Espírito Santo. É inaugurado um novo tempo, já que, com o antigo povo, a Lei foi instrumento de divisões e opressões. Agora, o próprio Deus cravou nos corações das pessoas a nova aliança (cf. 2Cor 3, 3), que é a vida de unidade e fraternidade, e tudo isto acontece pela ação do Espírito Santo que modela e sustenta a vida da Igreja. Essa nova era marca o início da Igreja e constitui a sua identidade que é o amor mútuo; sem ele, não existe a ação do Espírito Santo na Igreja como também não há a presença de Deus.

A fonte da unidade cristã

O Espírito acompanha os primeiros passos dos discípulos em sua missão, fortalecendo-os diante dos desafios nos primórdios da Igreja. Desse modo, "ao comunicar seu Espírito a seus irmãos, provenientes de todos os povos, constituiu misticamente um corpo para si" (LG, n. 7). Isso leva a perceber que a obra iniciada por Cristo é de uma dimensão global, capaz de agregar aqueles que eram excluídos, e assim formar um corpo místico.

No Pentecoste, percebe-se que a *koinonia* (comunhão) é fruto do Espírito Santo dada à Igreja nascente. Nesse contexto, a reunião dos(as) discípulos(as), no dia, revela o surgimento de uma unidade verdadeira, sendo o aspecto essencial da obra do Espírito de Deus. Os dons do Espírito concedidos a um cristão não podem ser separados da sua atuação na vida da comunidade de fé, visto que a Igreja não pode ser um ajuntamento individual de crentes. Assim diz a *Lumen Gentium*:

> Depois que o Filho terminou a obra que o Pai lhe confiara (cf. Jo 17,4), o Espírito Santo foi enviado, no dia de Pentecostes, como fonte perene de santificação da Igreja, dando assim, aos que creem em Cristo, acesso ao Pai (cf. Ef 2,18) – (LG, n. 4).

Entende-se aqui que o Espírito Santo é para os "discípulos" uma experiência pós-pascal, isto é, quando o Filho testemunha a sua obra de salvação, é dado a eles o Espírito Santo promovendo a ação da Igreja. Desse modo, após a experiência da ressureição, a comunidade apostólica recebe do Pai, em nome do Filho, o Espírito Santo, tornando-se a dinâmica da unidade da comunidade. A *Lumen Gentium* continua atestando que o Espírito se faz presente em toda a Igreja no mundo, e é por Ele que a Igreja se torna este corpo de unidade, na comunhão e no ministério, serviço. Assim diz a constituição:

> O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. 1Cor 3,16;6,19): neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16 e 26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (cf. Jo 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, dota-a e dirige-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, e embeleza-a com os seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22) – (LG, n. 4).

No momento em que o Espírito é derramado sobre os Apóstolos, aquela pequena comunidade torna-se morada do Espírito, pois Ele habita na Igreja, nos apóstolos, nas pessoas que são povo de Deus, e não mais somente no templo de paredes como antes acreditava a comunidade Judaica (cf. 2 Sm 7, 1-16). No Pentecostes, inaugura-se um novo tempo: já não é mais necessário limitar-se ao templo para rezar, agora o templo é o próprio povo que na unidade torna-se a Igreja. Isso revela o quanto o Espírito é livre e proporciona a liberdade dos filhos e filhas de Deus. Ele sopra onde deseja, ninguém pode prendê-lo.

A fraternidade vivida na Igreja é, evidentemente, um dos aspectos de sua natureza provinda do Espírito Santo. A igreja Cristã, fruto da experiência pós-pascal, vivia pelo testemunho, serviço e comunhão. Sem dúvida, esses três aspectos são obras do Espirito Santo, visto que são de grande valia para a Igreja ser perseverante e atuante.

Os aspectos são entrelaçados, são intrínsecos. O *Kerigma*, testemunho - anúncio da experiência pascal de Jesus Cristo. O serviço estava embasado em ajudar os mais necessitados e excluídos; já a comunhão era o ponto forte entre eles, que se dava por meio da partilha dos bens, do amor fraterno, da vida de oração e na fração do pão. Esse novo estilo de vida começa em Jerusalém logo após o derramamento do Santo Espírito, espalhando-se, depois, nas cidades e povoados. Na medida em que crescia o número de cristãos e cristãs, eles e elas ficavam cada vez mais conhecidos por sua vida de partilha.

> [...] tudo é em comum entre eles. Reina a fraternidade, que é o sinal do povo de Deus. Já não há sacerdotes, doutores poderosos, nem distinção alguma: todos são irmãos e todos participam (COMBLIN, 2009, p. 20).

A abolição dos títulos hierarquizantes é outra novidade na Igreja nascente; não havia mais a necessidade de estabelecer líderes opressores que criassem fechamentos, uma vez que o próprio Espírito Santo conduz a todos. Assim, esse novo estilo de vida está embasado na irmandade; diferente das antigas estruturas de seu tempo, várias pessoas aderiam a essa fé, proclamada não só por palavras, mas com a própria vida.

Considerações finais

O presente trabalho buscou apresentar, pontualmente, a unidade entre os cristãos nas primeiras comunidades de fé. Destacou-se aqui a vida de fraternidade, o serviço mútuo, acolhida de novos membros e como a comunidade fortalecia-se como corpo de Cristo. Tudo isso não é fruto dos homens e mulheres, mas obras do Espírito Santo; por Ele a comunidade reunida descobre a grandeza do amor que a conduz na vida de irmãos e irmãs.

Por essa razão, a comunidade cristã passa a chamar a atenção não por ser mais uma religião, mas pela caridade encarnada na vida da comunidade. É a unidade que a constitui povo de Deus, uma vez que ela não abraça apenas a fé em Jesus, como também o projeto do seu Reino que é o amor. Assim, a comunidade tinha consciência de seu papel no mundo por meio da partilha que a unia e definia

Pode-se fazer uma redescoberta da identidade da Igreja que é a unidade entre seus membros na guia do Santo Espírito. O ato de voltar às fontes convida a cada cristão a buscar uma nova forma de vida pautada na comunhão fraterna entre os irmãos e as irmãs. A fé professada na oração pessoal e comum torna-se, na prática da fraternidade, um sinal da presença do ressuscitado no mundo.

Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo no Mundo.** São Paulo: Paulus, 2012.

LUMEN GENTIUM *in:* **Vaticano II:** Mensagens, Discursos, Documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

JOÃO PAULO II. ***Ecclesia de Eucharistia*.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus:** Processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes, 1995.